

FÓSCOLO: O POETA DOS TÚMULOS

LUÍGI CASTAGNOLA

1 — Trajetória existencial e sentimental de Fóscolo.

Hugo Fóscolo começou sua viagem corporal nesta terra em Zante (¹), ilha do mar Jônio, onde nasceu em 1778, e a terminou nas ilhas britânicas, falecendo em Londres, em 1827. Passou rapidamente pela Dalmácia, Suíça e França, mas fez uma longa parada na Itália, tornando-se uma das figuras mais empolgantes da história literária e civil daquele país (²).

Nossos tempos de triunfante hestética idealista costumam dar pouca importância à vida dos autores. Julgamos, no entanto, ser por vezes impossível compreender a gênese da mensagem original de certos poetas sem lhes conhecer, suficientemente, a trajetória existencial. Entre êsses poetas colocamos Hugo Fóscolo.

Filho de pai veneziano e de mãe grega (³), passou na ilha natal a sua infância. Bem cedo, porém, começou sua peregrinação entre os homens. Indo seu pai a trabalhar, na qualidade de médico, no hospital de Spálato, na Dalmácia (⁴), Fóscolo acompanhou-o e estudou por algum tempo no seminário daquela cidade. Após a morte do pai (1788), voltou a Zante e, em 1792, transferiu-se com a mãe e os irmãos (⁵) para Veneza, que amou como sua pátria de adoção (⁶). Guardou sempre, todavia, uma saudade imensa (⁷) da ilha que fôra seu berço, celebrando-a mais tarde num sonêto famoso:

-
- 1) A ilha de Zante era então posse da República de Veneza. Para ter informações sobre Fóscolo, no Brasil, consultar: C. Tavares Bastos; *Dante e outros Poetas Italianos na interpretação Brasileira*, Rio de Janeiro, 1953, pgs. 185-186.
 - 2) Fóscolo, além de literato e poeta, foi também militar e patriota. Seus escritos tiveram notável influência sobre os homens do Ressurgimento italiano, em especial, sobre Mazzini e Garibaldi.
 - 3) O pai, André, médico e de sentimentos violentos, descendia de venezianos estabelecidos em Zante no século XVII; a mãe, Diamantina Spathys, era natural de Zante e de descendência grega. Fóscolo ufanava-se de ser descendente de duas estirpes — italiana e grega — que haviam cultivado tão esplêndidamente as artes e as letras.
 - 4) Parte da Dalmácia pertencia, naquela época, aos domínios venezianos. Spálato, de 1420 até 1801, foi posse da República de Veneza. Atualmente pertence à Iugoslávia.
 - 5) Rubina, João morto suicida em 1801, e Júlio. Este último, antes oficial do exército napoleônico e depois do austriaco, suicidou-se em 1838.
 - 6- Fóscolo considerou-se veneziano e, portanto, italiano. A liberdade e a independência da Itália fôra seu ideal de patriota.
 - 7) Ainda pouco tempo antes de morrer, o poeta pensava de voltar para Zante.

Né piú mai toccherò le sacre sponde
Ove il mio corpo fanciulletto giacque,
Zacinto mia, che te specchi nell'onde
Del greco mar, da cui vergine nacque

Venere e fea quelle isole feconde
Col suo primo sorriso . . .

Tu non altro che il canto avrai del figlio,
O materna mia terra: a noi prescrisse
Il fato illacrimata sepoltura (8).

Em Veneza aprendeu a língua italiana, aprofundou-se nas línguas clássicas e estudou, também, os grandes autores modernos italianos e estrangeiros. Essa paixão literária nunca mais o deixou, apesar dos acontecimentos políticos e militares, no meio dos quais viveu, e das freqüentes e tempestuosas aventuras sentimentais, que deslustraram sua agitada e desafortunada existência.

Em Veneza, sua família vivia então na pobreza, de que Fóscolo não se envergonhava e até se vangloriava. Sedento de liberdade, interessou-se logo pelos problemas políticos; levado pelo entusiasmo, liderava e inflamava com discursos plutarquianos grupos de moços que simpatizavam com as idéias revolucionárias vindas de França. Hostilizado pelo governo da República de Veneza, foi preso por alguns meses; depois, obedecendo aos conselhos dos familiares, retirou-se, temporariamente, para as colinas Eugâneas.

Começou a escrever ainda muito moço, atraindo a atenção dos círculos literários e dos homens de letras (9). Em 1787, foi representada no teatro Sant'Angelo (10) a sua tragédia *Tieste*. O êxito foi estrondoso e Fóscolo tornou-se improvisamente célebre. Tinha dezenove anos.

Aproximando-se os Franceses vitoriosos, Fóscolo vai a Bolonha, alista-se no exército napoleônico, volta a Veneza com as tropas francesas e torna-se um dos quatro secretários da Municipalidade, perorando a causa da liberdade da Itália junto de Napoleão. Mas as esperanças e o entusiasmo dos primeiros dias transformaram-se logo em desilusão e amargura. Napoleão acaba com a República de Veneza e cede seus territórios ao governo da Áustria, em troca de van-

8) Soneto A Zacinto, vv. 1-6/12-14.

9) Dalmistro, Cesarotti, Pindemonte e as cultas damas Ranier Michiel e Isabella Teotochi.

10) Neste célebre teatro Goldoni havia representado suas comédias durante muitos anos.

tags polticas (¹¹). Desdenhoso, oprimido e pessimista, Fóscolo, desde ento, ficará convencido de que a fôrça e a astúcia governam o mundo.

Para não viver debaixo dos Austríacos, Fóscolo vai a Milão (¹²). Ali continua pregando seus ideais polticos de liberdade, escrevendo em jornais (¹³) que foram logo suprimidos pelas autoridades francesas.

Em 1798, Fóscolo trabalha em Bolonha, na Secção Criminal do Departamento do Reno. Mas, ao aproximar-se do exército austro-russo, que pretende invadir a Itália do norte, ocupada pelas tropas de Napoleão, Fóscolo volta às armas e luta ao lado dos Franceses contra os invasores (¹⁴).

Na qualidade de Lugar-Tenente da Guarda Nacional, combate em diversos lugares, desloca-se para cá e para lá, de conformidade com as exigências da guerra, indo acabar em Antibes, na França (¹⁵). A vitória napoleônica de Marengo, porém, abre logo, também para Fóscolo, o caminho da volta à Itália. Estabelece-se em Milão, tomando parte, todavia, na campanha da Romanha e da Toscana. Em Florença continua sua atividade literária, voltando para Milão em 1801. No fim do mesmo ano, Fóscolo é profundamente amargurado pela notícia de que seu irmão João, tenente de infantaria, se havia suicidado, em Veneza. Entre dificuldades e decepções de toda espécie (¹⁶), vive e trabalha em Milão até o ano de 1804, quando vai à França para tomar parte na invasão da Inglaterra, que Napoleão estava preparando. Ocupa o tempo estudando inglês com Fanny Emeritt, da qual teve a filha Floriana. Entrementes, Napoleão abandona o plano do desembarque na Inglaterra, e Fóscolo consegue a licença de rever os familiares. Passando por Paris, volta à Itália e, depois de visitar os parentes em Veneza, está de nôvo em Milão, onde Cafarelli, ministro da guerra e seu amigo, dispensa-o das obrigações do serviço militar para atender às atividades literárias. Fóscolo trabalha intensamente, sempre lutando com dificuldades e problemas

11) No tratado de Campoformio, em 1797, Napoleão cedeu à Áustria Veneza e seus territórios.

12) Esta cidade, durante a primeira metade do séc. XIX, tornara-se um dos centros culturais e patrióticos mais importantes da Itália.

13) Fóscolo foi redator de *Il Monitor* e foi um dos fundadores de *L'Italiano*.

14) Depois do tratado de Campoformio, Fóscolo compreendeu que Napoleão e os Franceses não tomavam a sério a causa da independência da Itália. Por conseguinte não foram poucos os atritos entre ele e as autoridades francesas. No entanto, pensava que a Itália mais facilmente conseguiria a independência com a ajuda dos Franceses do que com a dos Austríacos. A história posterior havia de mostrar que Fóscolo estava certo.

15) Combateu em Cento, Novi e especialmente em Gênova.

16) Fóscolo publica, em 1802, o romance *Ultimo lettere di Iáculo Órtis*. A história, deveras singular, da composição e da publicação desta obra se pode ler na edição Rizzoli, de 1949.

diversos. Em 1807, publica o famoso carme **Dei Sepolcri**, cuja leitura desperta uma impressão enorme entre os literatos e os moços. Fóscolo havia assim granjeado fama universal de poeta. Consegue a cátedra de eloquência na Universidade de Pavía (1809); suprimidas logo mais todas as cátedras de eloquência por um decreto de Napoleão, o poeta volta a Milão, a braços com dificuldades econômicas. Em 1811, é apresentada no teatro La Scala a sua tragédia **Aiace**; foi um fracasso. Metido em polêmicas violentas, contra adversários políticos e literários (17), o governo aconselha-o a afastar-se da cidade e concede-lhe uma licença de oito meses. Visita então os familiares, em Veneza, e depois vai a Bolonha e a Florença. Aqui vive dias relativamente serenos, entre amigos e literatos, conhece Fabre, que lhe faz o fomoso retrato, e leva para a frente o poema **Le Grazie**.

Mas Fóscolo nunca devia ter paz e sossego. Em 1813 corre para Milão, onde a situação política e militar é muito perigosa por causa das derrotas de Napoleão. Quando o imperador cai nas mãos dos Ingleses, os Austríacos ocupam Milão e oferecem a Fóscolo a direção de um jornal e um bom ordenado. O poeta, cansado e desiludido, não querendo prestar juramento aos novos invasores da Itália, foge para a Suíça (1815), dando início ao seu exílio voluntário.

Passado algum tempo em Lugano, vagueia para cá e para lá, até se estabelecer em Zurique e, finalmente, em Hottingen. Sendo desalentadoras as notícias que chegavam da Itália, Fóscolo, na qualidade de cidadão de Zante, então sob protetorado inglês, consegue o passaporte para a Inglaterra e vai a Londres em 1816.

Na Inglaterra Fóscolo passa os últimos onze anos de vida.

Conhecido pelas suas obras literárias e pela sua hostilidade a Napoleão, o poeta foi bem recebido em Londres. Freqüentando a casa de lord Holland, travou relações com homens de letras e políticos. Escreveu para revistas e editores (18); mas suas condições econômicas eram precárias.

Em 1817, a notícia da morte da mãe, falecida em Veneza, entristeceu-o profundamente. Quando, em 1822, encontrou sua filha Floriana, um raio de esperança e de conforto brilhou para Fóscolo. Com o patrimônio de Floriana construiu uma residência elegante, contraíndo dívidas que não conseguiu pagar. A casa foi pôsta em leilão pelos credores e para Fóscolo despontaram dias de sofrimento

17) Tensa e áspera foi a polêmica entre Fóscolo e Monti, antes amigos e depois adversários ferrenhos.

18) Escreveu para as revistas *Edinburg Review*, *New Monthly Magazine*, *European Review*, e para os editores Murray e Hethouse.

de miséria. Afastou-se de todos os amigos ingleses e, confortado pelo carinho de Floriana, viveu, adoentado, os últimos dias em Turnham Green, nos arredores de Londres, onde veio falecer paupérrimo, em 1827. Sepultado no cemitério de Chiswick, não foi esquecido pelos Italianos. Em 1871, a Itália, após ter alcançado a independência, tão almejada por Fóscolo, fêz transladar seus restos mortais para Florença, onde até hoje descansam na Igreja de Santa Cruz, que o poeta havia celebrado no carme **Dei Sepolcri**.

A imagem poética e a personalidade humana de Fóscolo não ficariam devidamente esclarecidas e compreendidas, se não acrescentássemos algumas breves informações sobre sua vida sentimental.

Muitas foram as mulheres (¹⁹) que despertaram seu entusiasmo afetivo e também suas paixões amorosas. Entretanto, o torvelinho dos acontecimentos e a natural instabilidade sentimental do poeta nunca lhe consentiram constituir um lar. Seja como fôr, acima das paixões sentimentais que o arrebataram, Fóscolo idealizou um tipo de mulher que vem mostrar um aspecto nobre de sua múltipla femonologia sensual. Segundo êle, a mulher reúne em si mesma tudo o que há de gentil e de luminoso nesta terra:

A áurea beldade em que tiveram
Alívio único aos males
As nascidas para tresvariar mentes mortais (²⁰).

A virtuosa beleza da mulher, segundo Fóscolo, arrancou o homem da originária ferocidade e o sustentou na criação de um mundo gentil e de uma civilização luminosa. Portanto, a mulher ideal de Fóscolo é a fôrça esplendorosa que, tirando o homem animalesco das cavernas, torna-o gentil e o guia pelas sendas luminosas que constroem a civilização do gênero humano.

A idealização foscoliana da mulher é feita, poéticamente, no poemeto **Le Grazie** (²¹), divindades intermédias entre os homens e os deuses; habitam elas sobre a terra sem serem vistas, distribuem dons celestes, confortam e tornam mansos e gentis os Homens, educando-os “na idéia divina da beleza, no prazer da virtude e no estudo das artes”.

19) Sobre êste assunto escreveram especialmente: M. Saponaro, *Vita amorosa ed eroica di Ugo Fóscolo*, Milão, 1957; P. Schinetti, *Fóscolo innamorato*, Milão, 1927.

20) *All'Amica risanata*, vv. 10-12.

21) Para a composição dêste poema Fóscolo inspirou-se, parcialmente em Canova, que havia terminado a estátua de Vênus e estava trabalhando em torno do grupo de **Le Grazie**.

2 – Atividade literária de Fóscolo.

A atividade literária de Fóscolo foi extraordinária, se se considerar o teor de vida agitada que o poeta levou do berço até o túmulo.

Tão-sòmente para que fique ilustrada sua fecunda variedade literária, lembramos que seus escritos foram publicados numa coleção de doze volumes (22), devida aos esforços de três estudiosos foscolianos de renome: F. S. Orlandini, E. Mayer, G. Chiarini.

I-IV: **Prose letterarie.**

V: **Prose politiche.**

VI-VIII: **Epistolario.**

IX: **Poesie.**

X-XI: **Saggi di critica storico-letteraria.**

XII: **Appendice.**

Mencionamos apenas o título das obras principais.

Em poesia: **Dei Sepolcri; Le Grazie; Canzoni; Sonetti; Odi.**

Em prosa: **Le ultime lettere di Iáculo Órtis; Notizie intorno a Dídimò Chierico; Lezioni di eloquenza; Lettera apologetica; Discorsi storici e saggi critici sulla letteratura italiana; Gazzettino del bel mundo; Epistolario.**

Tragédias: **Tieste; Aiace; Ricciarda.**

Traduções: **Viaggio sentimentale di Yorik, de L. Sterne; La chio-
ma di Berenice, de Calímaco.**

3 – As Grandes Ilusões, Fontes de Poesia e de Progresso.

A rápida trajetória existencial e sentimental de Fóscolo, que mais acima traçamos, permite-nos tirar algumas conclusões que nos facultam compreender como o poeta foi levado a formular a sua filosofia das grandes ilusões, fontes de poesia e de progresso para o gênero humano. Sempre guardou Fóscolo um amor profundo ao lar paterno, à mãe, aos irmãos, a Zante, à Itália, e almejou viver junto de seus entes queridos, desfrutando o carinho materno e os afetos familiares. No entanto, as vicissitudes históricas e seu desejo desenfreado de glória transformaram sua vida numa infinda seqüência de peripécias e de tristezas, numa odisséia familiar, porque a sorte

22) Atualmente está sendo publicada, na Itália, a Edição Nacional de todas as obras de Fóscolo.

o desenraizou para sempre da casa nativa e o condenou a uma contínua saudade da serenidade doméstica. Donde nasceu nêle a convicção de que os tão acarinhados e sonhados afetos domésticos não passam de uma doce ilusão.

Guerreou, escreveu e polemizou a vida tôda pela liberdade e pela independência da Itália, sua pátria de adoção (23). Não conseguiu, entretanto, ver realizado êste seu nobre ideal cívico. Teve uma vida errante e, praticamente, sem pátria:

andrò sempre fuggendo
di gente in gente (24).

Ma io deluse a voi le palme tendo,
E sol da lunge i miei tetti saluto (25).

E quando viu baldadas tôdas as esperanças, foi para o exílio. Diante disso, também a pátria pareceu-lhe uma nobre ilusão. Muitas mulheres despertaram seu entusiasmo afetivo e ao longo de sua torturada existência nunca abandonou a esperança de concretizar o seu sonho de amor. E no entanto, acossado sempre pelos acontecimentos, levado pelo seu temperamento irrequieto,

— Avverso al mondo, avversi a me gli eventi... (26)

E me che i tempi ed il desio d'onore
Fan per diversa gente ir fuggitivo... (27) —

nunca conseguiu realizar seu sonho afetivo e formar um lar. De sorte que, também a beleza, o amor, os afetos desvaneceram como puras ilusões.

Alcançou fama e glória literária ainda moço; mas, na verdade, conhecia muito bem a infelicidade que lhe atenazava o coração e

Quello spirto guerrier ch'entro mi rugge (28).

Viu náscer, brilhar e morrer a estréla gloriosa de Napoleão; conhecia, porém, sobre quantos cadáveres, lágrimas, sangue e infâncias se erguia aquela glória. Portanto, a conclusão a que chegava a fria razão era a de que a glória não passava de uma sublime ilusão.

23) Para Fôscolo, Veneza fazia parte da Itália, cuja independência sempre almejou.

24) Sôneto *In morte del fratello Giovanni*, vv. 1-2.

25) *Idem*, *ibidem*, vv. 7-8. Citamos o texto da redação primitiva do sôneto.

26) Sôneto *Ritratto di se stesso*, v. 7.

27) *Dei Sepolcri*, vv. 26-27.

28) Sôneto *Alla sera*, v. 14.

Havia nascido Fóscolo numa família cristã; a mãe era mulher de fina inteligência e de sinceros sentimentos religiosos. Quando menino, passou algum tempo no seminário de Spátalo, viveu no meio de uma sociedade que professava o catolicismo, foi amigo do abade Ângelo Dalmistro e teve profunda estima e admiração pelo abade Parini (29). Apesar disto, Fóscolo, sob a influência da filosofia anglo-francesa de Setecentos, mecanicista, sensualista e materialista, bem como diante do quadro selvagem de guerras e revoluções, praticamente negadoras de todos os valores pregados pelo cristianismo, concluiu por uma interpretação mecanicista do universo e parece ter visto sómente o nada além da vida dêste mundo. Segundo êle,

..... involve

Tutte cose l'oblio nella sua notte;
E una forza operosa le affatica
Di moto in moto; e l'uomo e le sue tombe
E l'estreme sembianze e le reliquie
Della terra e del ciel traveste il tempo (30).

Afinal, para Fóscolo, tôdas as coisas

Vanno al nulla eterno... (31).
Vero è ben, Pindemonte! Anche la Speme,
Ultima Dea, fugge i sepolcri (32).

A imortalidade da alma é uma das grandes ilusões, a última e a mais sublime, que o homem inventa. A única imortalidade possível para o homem é a de viver na memória da posteridade. Contudo, no espírito de Fóscolo permanece a aspiração ideal à imortalidade objetiva, conforme a entendem a religião e o pensamento tradicional.

O tormento espiritual de Fóscolo decorre da contradição, em que o poeta ficou enleado, entre mecanicismo e finalismo, entre materialismo e espiritualismo. Não caiu êle num pessimismo apático, porém, nem se abandonou a uma estéril melancolia, nem se suicidou como o Ortis de seu romance; lutou com energia extraordinária e procurou uma justificação para a vida e para a ação. Sim, parece dizer Fóscolo, o amor, o heroísmo, os afetos domésticos, a glória, a

29) Parini é lembrado com admiração no romance *Ultime lettere di Iáculo Ortis* e celebrado no carme *Dei Sepolcri*.

30) *Dei Sepolcri*, vv. 17-22.

31) *Soneto Alla sera*, v. 10.

32) *Dei Sepolcri*, vv. 16-17. Pindemonte foi amigo de Fóscolo, que a êle dedicou o carme *Dei Sepolcri*.

pátria, a poesia, a imortalidade, afinal todos os grandes valores, pelos quais o gênero humano vive e combate, não passam de ilusões. Mas é preciso acreditar nestas sublimes ilusões, temos que lutar a fim de realizá-las; nós vivemos por elas e para elas. Destarte, o gênero humano é impulsionado para a ação e vai construindo, ao longo de sua história, o luminoso caminho de sua civilização. É verdade que os magnânimos ideais humanos não passam de sublimes ilusões, mas é preciso ter fé nêles, porque, destarte, o homem tem a força espiritual para realizar com plenitude vital o progresso da humanidade. Sem a fé nestas grandes ilusões, o homem cairia fatalmente numa inércia mortal, que o levaria à barbárie primitiva. Com base nesta filosofia das grandes ilusões, Fóscolo mergulhou-se com ardor e coragem na ação, tomou parte tempestuosamente nos acontecimentos de seu tempo.

A grande poesia de Fóscolo inspira-se nessa filosofia. Como na época foscoliana, assim na atual e em qualquer outra, há homens que não fazem interpretações espirituais do universo, e, por conseguinte, lutam continuamente pela realização daqueles ideais que o poeta chamou de "grandes e sublimes ilusões". Para êsses homens a poesia de Fóscolo é um alento para a ação e sobre êles exerce uma fascinação vital.

4 — **Sua Mensagem Fóscolo expressou, poeticamente, no carme Dei Sepolcri.**

Fóscolo, chegado a esta interpretação filosófica do destino humano, a expressou, poeticamente, no carme **Dei Sepolcri**. "Os Sepolcri são o retrato de Fóscolo, são, sobretudo, a consagração poética de uma nobre e triste religião da civilização e da vida" (33).

Partindo de premissas mecanicistas da filosofia inglêsa e francesa de Setecentos, Fóscolo pensou "ser o mundo governado por uma força desconhecida e operosa, que transforma perpétuamente, inelutavelmente o homem e as coisas. A vida pareceu-lhe infelicidade para todos e, além da existência nesta terra, parece ter visto sómente o nada. Aceitou a vida assim como êle a imaginava, cheia de tormentos e de alegrias, e acreditou nas grandes ilusões, as únicas coisas que confortam e empolgam a existência. Não tem importância se não as conseguimos concretizar ;a esperança nos acompanha até o túmulo e ali construímos, segundo Fóscolo, a última e mais perfeita ilusão, a da imortalidade.

33) Atílio MOMIGLIANO, **História da Literatura Italiana**; tradução de Luiz WASHINGTON e Antônio D'ELIA, São Paulo, 1948, p. 316.

Precisamente em virtude desta ilusão, há lugar uma celeste correspondência de sentimentos afetuosos entre os vivos e os mortos, e o túmulo, conservando a memória dos homens bons e famosos, impulsiona os homens para a vida virtuosa" (34). Destarte, as sublimes ilusões se tornam fôrças motoras que propulsam o progresso humano.

Uma grave áura, um sentimento melancólico circundam o poema, e uma atmosfera meditativa e desolada, mas não desesperada, exala dos túmulos e os envolve, numa solidão cósmica fascinante e ao mesmo tempo angustiosa.

"Do princípio até o fim, da abertura solitária sobre as sombras dos ciprestes e das urnas confortadas pelo pranto, ao encerramento sobre as campas interrogadas pelo cego imortal — Homero —, sobre todo o carme se estende a religiosa paz de um cemitério. E em toda parte os pensamentos e as imagens detêm a alma do leitor nesse lugar que é sagrado mesmo para quem não conhece o confôrto de Deus; e parece que um espírito magnânimo ali celebre, em nome da humanidade presente, a humanidade desaparecida" (35).

Um sentimento melancólico e soberbo ao mesmo tempo envolve o carme do começo até o fim, dando-lhe um fascínio singular. O sentimento melancólico e desolado é gerado pela convicção de que o tempo destrói todas as coisas e pelo conceito de uma imortalidade que não é a sobrevivência da alma humana num mundo ignoto; o sentimento soberbo e solene origina-se da convicção de que o homem vive imortal na memória das gerações futuras, graças à lembrança que os túmulos nelas despertam. A poesia, celebrando os túmulos, eterniza na memória dos que vivem as obras magnâimas dos heróis. Destarte o mortal consegue arrancar-se à morte e entregar-se à imortalidade. Sim, nós perecemos completamente; há, porém, em nós a ilusão de continuar a viver depois da morte no pensamento vigíl e lembrador dos que nos amam.

Os túmulos familiares despertam nos parentes e aviventam nos amigos afetos carinhosos para com os mortos, que vivem, destarte, no coração dos vivos:

Celeste è questa
Corrispondenza d'amorosi sensi,
Celeste dote è negli umani; e spesso
Per lei si vive con l'amico estinto

34) Rosário TOSTO, *História da Literatura Italiana*; tradução de Luigi CASTAGNOLA, Petrópolis, 1963, vol. III, p. 41.

35) A. MOMIGLIANO, cit., p. 317.

E l'estinto con noi, se pia la terra
Che lo raccolse infante e lo nutriva,
Nel suo grembo materno ultimo asilo
Porgendo, sacre le reliquie renda
Dall'insultar de' nembi e dal profano
Piede del vulgo, e serbi un sasso il nome,
E di fiori odorata àrbore amica
Le ceneri di molli ombre consoli (36).

Por sua vez, os heróis vivem na memória dos povos, graças aos túmulos que perpetuam a lembrança das grandes obras que deixaram e incitam as novas gerações a realizar coisas magnâнимas.

A egregie cose il forte animo accendono
L'urne de' forti, o Pindemonte; e bella
E santa fanno al peregrin la terra
Che le ricetta (37).

É verdade que o tempo destrói também os túmulos; mas, quando isto acontecer, levantam-se as Musas e comovem os poetas que celebram com seus hinos os heróis. E não há força destruidora que possa fazer calar o canto alto das Musas:

Siedon custodi de' sepolcri, e quando
Il tempo con sue fredde ale vi spazza
Fin le rovine, le Pimplée fan lieti
Di lor canto i deserti, e l'armonia
Vince di mille secoli il silenzio (38).

Um timbre viril sustenta a melancolia do carme, que é "o canto mais magnânimo da Itália" (39). Vastas imagens de vida e de morte se entrelaçam ao longo de todo o poema, que tem por cenário a vastidão da história e a imensidão da terra, ora iluminada pelo sol, bela de vegetação e de animais, ora semelhante a um campo semeado de ossos sem firm.

O carme, composto de 295 hendecassílabos soltos (40), começa com uma pergunta desconsolada. "As tumbas, confortadas pelas sombras dos ciprestes e pelos prantos dos vivos, tornam, porventura, menos desconsolado o sono da morte? Para Fóscolo, a resposta de-

36) *Dei Sepolcri*, vv. 29-40.

37) *Dei Sepolcri*, vv. 151-154.

38) *Dei Sepolcri*, vv. 230-234.

39) A. MOMIGLIANO, *cit.*, p. 318.

40) De conformidade com a terminologia métrica em uso na Itália.

via ser negativa: os mortos não têm mais desejos e recordações, não provam mais nem alegria nem dor, porque, perdida a vida e apagada a esperança, os mortais, como tôdas as coisas, voltam ao seio da natureza. Os sepulcros são inúteis aos mortos; contudo à fria razão se opõem o sentimento e a fé em um ideal de sobrevivência, necessários um e outra para que o homem viva e aceite a morte sem maldizê-la. É uma ilusão, sim, mas benéfica, sobre a qual se funda a religião dos túmulos, nascida por um contrato social e transmitida com ritos diversos entre todos os povos. E, na verdade, não vivem de certo modo também os mortos, se atrás de si deixam uma herança de afetos e os vivos recordam e admiram suas obras? Celeste é tal privilégio, e as tumbas têm a tarefa de estabelecer esta amorosa ligação entre aquêles que se foram e os que ficam. Só os maus não fazem questão dos túmulos, porque morrem completamente, logo que cala para êles a harmonia do dia. Não a alma é imortal, pensa Fóscolo, mas a memória que de nós permanece sobre a terra. Se fizermos algo de grande não morreremos nunca, porque as Musas são as filhas da Memória e têm o dom de prolongar no tempo a existência humana. Iníqua é, portanto, a lei (⁴¹) que subtrai os sepulcros à piedade dos homens, e, em nome de uma impossível igualdade, quer misturar os túmulos dos maus e dos bons, dos grandes e dos infames. Nem existe maior sinal de decadência civil e política do que o abandono ao qual a cidade de Milão, corrupta e esquecida, deixou o túmulo de Parini.

Desde quando a instituição da família, do estado e da religião fêz com que os homens se respeitassem a si mesmos e aos outros, êles sepultaram os mortos, honrando aquêles que as virtudes domésticas ou o amor pela pátria tinha consagrado à glória perene; nem, no variar de épocas ou de costumes, cessou aquêle culto. Se o costume de sepultar os mortos nas igrejas merece reprovação de um ponto de vista higiênico e pelo efeito deprimente que exercem os esqueletos efigiados sobre lajes tumbais, belo é, ao contrário, o uso dos povos antigos, renovado agora pelos Inglêses, de sepultá-los em jardins, à sombra dos ciprestes e dos cedros, entre flôres e águas purificadoras.

Cipressi e cedri,
Di puri effluvi i zèfiri impregnando,
Perenne verde protendean su l'urne
Per memoria perenne, e preziosi
Vasi accogliean le lagrime votive.

41) Fóscolo alude à lei francesa que o édito de S. Cloud devia estender também à Itália.

Rapian gli amici una favilla al Sole
 A illuminar la sotterranea notte
 Perché gli occhi dell'uom cercan morendo
 Il Sole; e tutti l'ultimo sospiro
 Mandano i petti alla fuggente luce.
 Le fontane versando acque lustrali
 Amaranti educavano e viole
 Su la funebre zolla; e chi sedea
 A libar latte o a raccontar sue pene
 Ai cari estinti, una fragranza intorno
 Sentia qual d' aura de' beati Elisi (42).

Mas onde, como na Itália, não existe o amor pela virtude e pela glória, inúteis são os monumentos fúnebres. Todavia a Itália não foi sempre serva. Das tumbas de seus grandes, sepultados na Igreja de Santa Cruz (43), levanta-se o aviso severo para pensar e agir altamente, bem como a esperança de uma futura ressurreição.. Tudo tem sido tirado aos Italianos, mas não foi apagada a recordação da grandeza passada; e isto soube Alfiéri, que, desgostoso com os vivos, encontrava inspiração e confôrto na companhia daqueles mortos. Agora dorme com êles e seus ossos tremem de amor pela pátria. Se um dia os Italianos haverão de ressurgir, aquelas tumbas os inflamrão. Do mesmo modo, os Gregos pelos túmulos de Maratona eram incitados a amar a liberdade e a aborrir os bárbaros.

Ah sí! da quella
 Religiosa pace un Nume parla:
 E nutrita contro a' Persi in Maratona,
 Ove Atene sacrò tombe a' suoi prodi,
 La virtù greca e l'ira (44).

Os grandes mortos falam aos vivos que são dignos e os educam para fortes paixões e nobres empreendimentos. Se as tumbas e os lugares que as guardam estão sujeitos à ação do tempo destruidor, o ensinamento dêles não cala, porque vive eterno no canto dos poetas. A poesia, mais do que os túmulos, celebra as glórias passadas e as transmite à posteridade. Se, depois de tantos séculos, os homens descobriram na Tóade inculta o sepulcro de Ilo, isto se deve únicamente a Homero. O grande vate, interrogando as urnas solitárias,

42) *Dei Sepolcri*, vv. 114-129.

43) Neste templo florentino estão sepultados alguns dos homens mais famosos da Itália. Fóscolo, no carme, menciona Maquiavel, Miguel-Ângelo, Galileu, Alfiéri.

44) *Dei Sepolcri*, vv. 197-201.

cantou, é verdade, a glória dos Gregos vencedores, mas também a dos Troianos vencidos, e, mais do que a fôrça de Aquiles, o heroísmo desventurado de Heitor” (45).

E tu onore di pianto, Ettore, avrai
Ove fia santo e lagrimato il sangue
Per la patria versato, e finché il Sole
Risplenderà su le sciagure umane (46).

45) Rosário TOSTO, *História da Literatura Italiana*; tradução de Luigi CASTAGNOLA, Petrópolis, 1963, vol. III, pp. 51-52.

46) *Dei Sepolcri*, vv. 292-295.